

## O CORAÇÃO GROSSO E SUA MARCHA

Uma aproximação entre Graciliano Ramos e Clarice Lispector<sup>1</sup>  
Lúcia Helena (UFF/CNPq)

### RESUMO

Em **Vidas secas**, Graciliano Ramos oferece ao leitor a possibilidade de rever um tema candente: a situação de exclusão do brasileiro retido na penúria pelo descalabro político e social do mandonismo e da impunidade no cenário dos anos 1930 - 1940 entre nós. O Brasil, ao buscara confirmação de sua entrada na modernização, fazia-o a toque de caixa, e contra os interesses dos que estavam à margem do mínimo de dignidade de vida. Isso indicava uma supervalorização do progresso como algo técnico e empurrado pela ambição econômica, descurando-se das consequências humanas a pagar por isso. Neste sentido, a obra de Graciliano inaugura, com integridade ética e segura de linguagem, um manancial de crítica e questionamento, que faz de seu romance um texto que, sendo obra estética, não se esquece do compromisso social que também envolve o ato de escrever, especialmente em um país de miseráveis mantidos sob o cutelo de um poder discriminatório. Graciliano, com **Vidas Secas**, e Clarice Lispector, revisitando o cenário do romance que retoma o migrante nordestino, em **A hora da estrela**, dão voz a dois personagens magníficos de nossa literatura: Fabiano e Macabéa. Neste artigo procedemos a uma comparação entre os dois escritores, seus escritos e seus dois personagens, procurando traçar um perfil da construção da modernidade em nossas plagas.

**Palavras-chave:** Graciliano Ramos. Clarice Lispector. **Vidas Secas**. **A hora da estrela**.

### ABSTRACT

In **Vidas Secas**, Graciliano Ramos offers to the reader the possibility of looking again at the burning them of the situation of exclusion of the Brazilian, held down in

---

<sup>1</sup> Esse texto foi primeiramente publicado no. 2 da revista *Alceu*, do Departamento de Comunicação da PUC/RJ. Em uma segunda redação, tornou-se capítulo da edição (revista e ampliada), de 2006, de meu livro **Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita em Clarice Lispector**. A versão aqui publicada reproduz fielmente o capítulo referido.

poverty by the political shame and social unconcern and impunity in the decade of the 1930s to the 1940s. Brazil, seeking the confirmation of its entry into modernity, prepared only superficially for this and in a way against the interests of those on the margins with the minimum of human dignity. This shows an over emphasis on progress as something merely technical and pushed forward by economic ambition, ignoring the human price that this demanded. In this sense, the work of Ramos starts with a sure and ethical integrity the discourse which is at once critical and questioning. This makes his novel a text which being an aesthetical work, does not forget the social obligation including in the act of writing, especially in a country where misery is maintained on the tutelage of a discriminating power. Graciliano, in **Vidas Secas**, as Clarice Lispector, revisiting the scene of the novel of the Northeastern migrant in **A Hora da Estrela**, give a voice in these two magnificent characters of our literature. Fabiano and Macabéa. In this article, we aim to make a comparison between the two writers, these texts and their two characters, trying to trace the profile of the construction of modernity.

**Keywords:** Graciliano Ramos. Clarice Lispector. **Vidas Secas. A hora da estrela.**

- *Anda, excomungado.*

*O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. [...]. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde.<sup>2</sup>*

*Graciliano Ramos*

Fabiano, Sinhá Vitória, menino mais velho, menino mais moço erram pelo sertão, mais bichos do que homens. *"A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante (RAMOS, 1978, p. 20). Parente próxima, Macabéa nasceria anos depois, "inteiramente raquítica, herança do sertão -- os maus antecedentes de que falei" (LISPECTOR, 1977, p.35).*

Macabéas e Fabianos (macabeus do nordeste?) trazem no corpo as marcas de um viver à margem, seja dos códigos instituídos, que não dominam, seja pela destituição das condições básicas de sobrevivência e de cidadania. A linguagem que usam faz-se parceira de sua forma andarilha de viver, de modo que o traço migrante configura o corpo e a alma. Precocemente envelhecidos, remetem a uma

---

<sup>2</sup> RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**, Rio de Janeiro: Record, 1978. p. 10.

organização social que faz da exclusão uma forma de tutela. Levas de migrantes, ao longo da história, falam dessa marcha, mascarada em destino.

Fabiano encontra seus percalços num tempo em que novo processo de produção adentrava o sertão brasileiro. Se em **São Bernardo** as tentativas do protagonista de enriquecer a qualquer preço eram parte das armadilhas da introdução da modernidade entre nós, fazendo com que Paulo Honório se revelasse “o emblema complexo e contraditório do capitalismo nascente”<sup>3</sup>, Fabiano, desde o início de **Vidas secas**, é vítima do sistema.

Ao contrário de Paulo Honório, dinâmico, empreendedor e cruel, Fabiano é incapaz de arquitetar uma saída, fora do cíclico movimento de ir-e-vir em que se instala, na busca de escapar da seca. Sem vocabulário, não encontra resposta para as perguntas dos meninos -- “Esses capetas têm ideias...” (RAMOS, 1978, p. 21) --, que deve evitar e espreitar, pois lhe despertam a memória de que não sabe como ser homem, próximo que está das coisas e dos bichos, num estado de permanente reificação. Como uma das peças fundamentais de crítica dessa questão, a objetividade e segura da narração, nos dois romances, faz-se interpenetrar de uma surpreendente subjetividade, o que proporciona ao leitor contato profundo com a densidade daqueles seres marcados pela premência e pelo quase desumano modo de ser e de estar no mundo.

Move Paulo Honório a vontade de poder e de transformar o que está a sua volta pela acumulação, com o sufocar da subjetividade. A história (assim como o conceito de História que dela se pode depreender) responde, num primeiro nível, ao impulso da linearidade: a posse da terra, da mulher e do filho. Há, ainda, um complicador inicial, na tentativa de apropriação do trabalho intelectual alheio -- embrião a falhar: a posse do livro. Opondo-se a essa linearidade, em **Vidas secas**, Fabiano avulta de relato a relato em capítulos fragmentados e circulares. Não só ele acredita que seu destino é caminhar sem saber para onde, de modo a escapar de uma sina, no rolar de um eterno retorno ao nada de que partira, como também a forma da narrativa endossa esse conteúdo.

Esses dois modos -- o da repetição perpétua de uma fatalidade trágica (Fabiano) e o de um *ethos* que tudo sacrifica pela marcha inexorável do progresso (Paulo Honório) -- estão postos em xeque pela narrativa de Graciliano Ramos, que não opta nem por um, nem por outro, antes sublinhando o estratagema aprisionante

---

<sup>3</sup> A observação é de João Luiz Lafeté, em “O mundo à revelia”, posfácio à vigésima sétima edição de **São Bernardo**, de Graciliano Ramos.

que urde essa (aparentemente inevitável) antítese, construindo duas modalidades de herói problemático.

Se a oposição que se estabelece em Graciliano é, como já dissemos, da ordem de uma polêmica entre duas esferas complementares -- o destino trágico e a consciência humana --, em Lispector a tensão binária (como forma de se conceber a estória e a História) encontra-se rasurada, pela quebra tanto da concepção linear de tempo, quanto pela ruptura com a linearidade do que se vai ler. Conforme já se destacou anteriormente, a construção das peripécias de Macabéa debruça-se sobre o solilóquio do narrador, que indaga como e por quem o relato deve/não deve ser contado. A série de cogitações sobre a morte de Macabéa é uma outra dobra no texto, a complicar e impedir a linearidade do desenrolar da ação. O narrador hesita em matar sua personagem, parodiando forças do destino: as da fatalidade e as da ópera a que subterraneamente se refere, urdindo uma “ópera bufa” em que Macabéa nasce e morre na trajetória da escrita e não mais pela concepção de que o ato de narrar possa transcrever um mundo que o antecede. A dimensão do herói problemático ganha outra configuração nessa personagem.

Apesar das diferenças entre os textos, ao percorrer essas narrativas específicas, as duas de Graciliano Ramos (**Vidas secas e São Bernardo**) e a de Clarice Lispector (**A hora da estrela**), o leitor assiste à migração de uma idéia: a do ato de narrar a vida de um personagem pobre e nordestino em mais de uma modalidade. Acompanha, igualmente, a movimentação, no tempo e no espaço, da figura do migrante como tema e personagem narrativo. O texto de Lispector, ao reclamar de modo sutil as narrativas de Graciliano Ramos em que se destacava a figura do migrante, reinscreve-a noutra patamar, pois a coloca em confronto com outras formas de se conceituar a História e a estória. Processa-se, nessa migração de sentidos, uma releitura do modernismo de Graciliano Ramos pela modernidade tardia em que se encontra o tempo da escrita de Clarice Lispector.

Produzida na fronteira da década de 1970 para a de 1980, Macabéa é de um tempo em que a estrutura do capitalismo há muito deixou seu estágio primitivo e agora dá cartas de modo bem mais sofisticado, apenas deixando à cartomante a tarefa dos vaticínios. Mas, em ambos os textos, o outro não está nunca além ou fora de nós. Emerge, com força, na complexidade dinâmica da migração, e aparece como uma forma de disseminar novos sentidos para o exílio e a errância dos que, de algum modo, foram banidos ou estão sem lugar.

É outro o movimento de Fabiano e de sua família, de um lugar para outro,

fugindo da seca, parecendo tomar impulso na força do destino que lhes parece hostil. Mas em um texto que busca provocar a consciência crítica para o problema social que se agrava no nordeste dos anos 30, gradativamente, a narrativa vai transmutando esse destino em algo que frutifica não da natureza, mas do ato consciente que emana de um sistema de dominantes e dominados. É como se, mantendo a natureza agreste, o circuito de repetição do poder retém o comando nas mãos dos que detêm a posse da terra. Migrar, fenômeno que assola a gente miúda e vitimada, passa a ser não a força do destino, mas um fenômeno social forjado pela falta de objetivos políticos de transformar o panorama hostil. Mas a migração não é um dado apenas temático. Do ponto de vista formal, ela indicia um dialogismo cultural em que o processo de significação e de constituição da subjetividade produz sentidos móveis, instáveis, em que o *quem sou/quem és* permanece como problema. O desejo de falar como Seu Tomás da bolandeira, sem o ser, e a tentativa de dar forma ao que ainda não é idéia levam Fabiano a construir frases semanticamente impossíveis, das quais o sentido também se encontra exilado: "-- Como é camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro? -- Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de Seu Tomás da bolandeira: -- Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme [...]" (RAMOS, 1978, p. 29).

Sem fazer sentido socialmente, um deslocado temática e formalmente, o migrante é incompetente para formular sentido. Bicho, coisa, pertence à terra e, entre grunhidos, tem a fala entrecortada de silêncios e sussurros. A falta de linguagem coincide com o desabrigo físico e material. Assim, duas (mas que são a mesma) dificuldades aproximam Fabiano de Macabéa: o deslocamento inglório em busca de uma saída que se nega para eles e a pouca habilidade para o uso da língua.

Para Fabiano, a dificuldade de expressar-se é demonstrada pela estranha utilização da língua em frases que se apóiam em excessos de conectivos para dar ênfase ao elemento incumbido de promover as inter-relações, desse modo revelando que não consegue se conectar com o mundo, nem dispor, de modo eficiente, da linguagem verbal. Macabéa, por seu turno, tenta extrair de sua enciclopédia do saber – A Rádio Relógio Federal – informações que a façam não só parecer inteligente aos olhos do amado Olímpico como também lhe permitam procurar nele apoio para compreender aquele mundo de palavras "difíceis": álgebra, mimetismo, cujo sentido ela não compreende.

Nada disso é passível de ser esquematizado sem perdas para os nossos propósitos de argumentação. O fragmento posto como epígrafe nesse texto diz da complexidade dessa estratégia, que se realiza entre o deslocamento e o repouso. A linguagem romanesca mostra-se em plena posse do trânsito entre dizer e silenciar. A tradição neo-realista e a fresta que nela se abre criam a diferença, fundamental, entre cumprir um destino e traçar um rumo. Entre o acaso, o destino e a vontade: “Onde estamos, quando pensamos?” (ARENDR, 1993, p. 195). O texto de Clarice Lispector traz, no seu ser em dobradiça, a citação subterrânea não só do texto de Graciliano Ramos como também a da série social do romance nordestino de 30. Rodrigo S. M. vai deixar de barbear-se, vai vestir-se mal, para simular ser um dos desvalidos, como se procedesse à maneira de Zola.

Outros textos produzidos por personagens migrantes são postos em dialogismo, no caso de Clarice: os treze títulos da obra, pendurados na folha de rosto, mostrando que o noticiário de Macabéa se prende também às tradições da oralidade das feiras nordestinas e não apenas às da mídia (no caso o rádio) da cidade grande por onde está vagando.

Tanto no texto de Graciliano Ramos como no de Lispector relê-se uma questão antiga: a do impasse dos homens diante de seu destino, ou do que chamam como tal, em face dos elos de uma tradição que se encontra recalçada, por exemplo, no nordeste do início do século XX, quando se tenta uma modernização inadequada. Entre a modernização que os ameaça e passa como uma ceifadeira por sobre a lavoura e os homens que nela trabalham e o agreste desprotegido pelo poder, à mingua, eis uma caminhada trágica, renitente, que se repete e reúne Macabéa e seus antecedentes. Graciliano e Clarice retomam essa questão segurando-a com vigor. Ela, pescando a entrelinha, jogando com a ponta dos dedos, na feliz expressão de Vilma Arêas (2005). Ele, com o punho em riste, com a escrita que escava, risca até fazer sangrar o pio da coruja que obsessivamente repete a troca de sentido, oportunista e ideológica, entre o que se costuma chamar destino e, por vezes, moira, acaso ou fatalidade, e aquilo que de fato é, a mão dos homens, a decisão política de espoliar. Esbarramos, nessas narrativas, na figuração da morte. É mortal a caminhada dessa errância entre a precariedade do homem abandonado pela lei que o devia proteger, e a voracidade do poder que sobre ele se abate sem defendê-lo. Desgraçados ou por força de lei discricionária ou por falta de qualquer lei, eis o papel que

lhes resta cumprir. Tornam-se, assim, ícones de uma visão trágica da existência. Migrantes, Fabiano e Macabéa ganham vida numa literatura que, em seu poder de memória, deles nos fala a partir da possibilidade que o espírito tem de tornar presentes os invisíveis (ARENDDT, 1993, p.195).

Como dissemos em nosso **Nem musa, nem medusa**, o texto de **A hora da estrela** descortina para Macabéa o encontro com a cartomante e o jovem louro – este, o príncipe lindo e estrangeiro, o imigrante *doublé* de outros vultos verbais textualizados no imaginário cultural, como, por exemplo, o “colonizador”, o “imperialista” ou o “capital estrangeiro”. Macabéa queria realizar seu sonho de ser estrela, embora, a seguir, a personagem venha a ser atropelada por um carro com a estrela da Mercedes Benz.

Ao lidar com a matéria rarefeita desse imaginário, **A hora da estrela** aciona e desmonta a concepção de História como entidade que se mova de forma linear em direção a um *telus*. Ao destruir o vaticínio da cartomante, contribui para questionar o conceito principal e novo da Era Moderna -- a noção de progresso como força que governa a história humana --, que colocou uma ênfase sem precedentes no futuro (ARENDDT, 1993, p. 201).

Expondo o logro da promessa de progresso, o texto recusa-se a referendar uma forma de se refletir sobre o mundo, que faria da Vontade o dínamo do futuro. Um dos mitos do capitalismo nascente, estudado por Ian Watt (1997) é o *homo economicus*: o indivíduo que, pela ambição inexorável e pela vontade de acumulação, terá seu futuro garantido. A visão trágica que orienta a construção do perfil de Fabiano e de Macabéa, e questiona o mundo em que estão inseridos, é conduzida por outra forma de se pensar a História, fora da égide do progresso e de qualquer modalidade de ufanismo.

Sentidos diversos no dicionário, migrar e imigrar têm no deslocamento um ponto em comum: a ação de ir e vir, mesmo contra a vontade, em busca do que falta. O migrante e o imigrante, quando no sertão, são regidos por lei não escrita, vinculam-se ao solo e dele derivam a substância e a vida ao movimento e ao tempo que lhes resta. Talvez por isso caminhar pareça imperioso a Fabiano, que sente insuportável a recusa do filho em continuar a marcha. Despossuído, resta-lhe continuar sua procura, deambulando no espaço. Por sua vez, deslocada para a cidade, Macabéa se torna, todavia, um ser no tempo. Retira da marca das horas da Rádio Relógio Federal o viver e o saber que não tem. Mas seja no tempo, como Macabéa, seja no espaço, como Fabiano, ambos se encaminham

para lugar nenhum.

Na sociedade contemporânea, o projeto de felicidade, progresso e justiça social, elaborado no Iluminismo, ainda promete impulsionar para adiante. No entanto parecem ter ficado esmaecidas as poucas luzes de suas promessas, pelo menos aos que, sob o impulso dos que buscam a arremetida social para cima, sustentam-na, levados para baixo.

Idealizando mudanças e tendo executado algumas, a promessa do progresso, com sua seta teleológica, como a sorte lançada pela cartomante ou a seca de eterno retorno, traz em seu bojo a cadeia de um vírus supostamente domado. Estudando o holocausto, hoje se considera até que ponto é eticamente cega a busca burocrática da eficiência. Estaria no bojo da modernidade uma vontade de construir a História a qualquer preço, sem que se conseguisse romper com a estrutura de dominantes e dominados. Graciliano Ramos e Clarice Lispector trataram do problema com agudeza.

Na deriva do projeto de intervenção dos românticos revolucionários, críticos da moderna sociedade burguesa e da civilização criada pela Revolução Industrial, Graciliano Ramos configurou personagens migrantes que apontam para uma estrutura narrativa urdida a partir da categoria do herói problemático e da visão trágica do mundo. Sua obra instala, na década de 1930 no Brasil, valiosa crítica de um sistema que, se anunciou uma nova era, também explicitou um processo de reificação da consciência já intuído por Alencar em **Senhora** e ironizado por Machado no humanismo de **Quincas Borba** e na satírico **Triste fim de Policarpo Quaresma**, de Lima Barreto.

Década de transformações em todo o planeta, os anos 30 do século XX jogam luz na obscuridade que se oculta sob o anúncio apoteótico do moderno em sua ambiguidade fundamental. De um lado, como hidra bifronte que enfrentasse a si mesma, implantam-se forças ordenadoras, que concebem a História como progresso, linearidade, continuidade – e dão surgimento ao predomínio da razão instrumental de uma burocracia eficiente e antiética. De outro, debatem-se forças que apreendem a História como catástrofe, numa leitura trágica do mundo, promovendo a crítica de suas crises, fazendo despontar uma sensibilidade que procura deter a “tempestade do progresso”, sob a forma de uma utopia do precário. É o caso dos migrantes de Graciliano Ramos e de Clarice Lispector.

Em **Redenção e utopia**, Michel Löwy defende a tese de que, na Europa



central dos anos 30, um conjunto de pensadores diversificados, de origem judaica, retomou criativamente duas tradições, articulando-as: a relação entre a totalidade e o fragmento, do primeiro Romantismo alemão, e a transformação redentora preconizada pelo messianismo judaico.

Segundo Löwy (1989, 34), do ponto de vista social, o judeu continuava a ser um pária na Europa central, mesmo após ter sido ali assimilado no final do século XVIII. E permaneceu pária porque a assimilação não significou uma integração verdadeira, pois os judeus prosseguiram sendo excluídos de muitos domínios (a administração, a magistratura, o exército, o magistério). Hannah Arendt (1978, 68, e 1994, 18-22) inclusive pondera quão enganosa era a promessa de igualdade que a assimilação fizera cintilar.

Essas questões teriam afetado a formação de uma comunidade de intelectuais, de credos políticos e religiosos diversos, é verdade, mas que nos anos 30 manifestam uma afinidade eletiva: acrescentam de riqueza a reflexão e se tornaram livres do compromisso com o pensamento dominante, no sentido de que foram buscar novas chaves para a discussão da crise que desembocará no holocausto. Sua forma de pensar a História, para fora e para além da racionalidade instrumental que municia a fera multifronte do horror, leva-os a um pensamento revolucionário.

Profundamente assimilados e largamente marginalizados, ligados à cultura alemã, ao mesmo tempo que cosmopolitas, em estado de disponibilidade ideológica (LÖWY, 1989, p. 35), eles vão reler a tradição judaica através de uma chave antiburguesa. *“Nesse contexto particular é que se tece a rede complexa de vínculos entre romantismo anticapitalista, renascimento religioso judaico, messianismo, revolta cultural antiburguesa e anti-Estado, utopia revolucionária, anarquismo e socialismo”* (LÖWY, 1989, p. 40). Desse modo, teriam construído um renovador impulso para pensar a História fora da égide do progresso, enfrentando-a como catástrofe na qual o “messias”, entendido como as forças de transformação, utopia e redenção, relampeja.

Essa forma de reflexão, juntamente com boa parte da literatura do período, de origem vária, dá conta de uma vertente crítica de pensamento que se revela, hoje ainda, produtiva. Sem se estabelecer qualquer vinculação (nem influência) entre esses pensadores, Graciliano Ramos e Clarice Lispector (ainda que esta seja de origem judaica), o que se pontua aqui é a afinidade eletiva que os aproxima, embora entre eles haja também distinções tão óbvias,

que são deixadas de fora deste comentário. A integrá-los num movimento de reflexão comum está a migração de idéias, que se vão deslocando e fazendo transmitir sentidos, vinculando-se a eles uma reflexão sobre a utopia: de um lado, revolucionária, construída e desfeita nos textos desses dois ficcionistas brasileiros; de outro, precária, na progressiva implosão da visão do sujeito como totalidade ontológica, como se pode ver em suas páginas.

Ao se fazer aqui convergir o viés da imigração e da migração, abre-se um leque de considerações que apontam para a questão da identidade como assunto implícito ou explícito da literatura produzida no Brasil por autores oriundos da cultura judaica, como Lispector, ou não, como Graciliano Ramos. Esse leque abrange ainda o problema que parece comum a seus textos, como fundamento de estratégias narrativas, que é o da migração do sentido, característica que acompanha o trabalho desses escritores que, do ponto de vista formal, optam por uma estrutura em constante metamorfose, como já foi discutido.

No pensamento ocidental, a discussão do problema da identidade, em modulações várias, tem uma pré-história de cerca de 2500 anos. Carrega numa investigação ontológica surgida com os gregos e reativada pelos românticos, a exemplo da filosofia da identidade, no século XIX. Um corte na concepção de identidade como algo retomado de uma perdida origem, afeita aos nacionalismos dos oitocentos, teria sido dado por Freud, a partir do qual se estaria produzindo uma perspectiva não mais essencialista, pois o ego seria focalizado em seus estudos não mais como algo vinculado a uma ontologia, mas como construção móvel de identidade, aplicado ao indivíduo (GUMBRECHT, 1999, p. 115-116). No momento contemporâneo, há uma linha de pensamento que diz ser problemático e até desnecessário falar em identidades coletivas e nacionais. Com “o fim da História”, o “fim das utopias”, no momento da globalização, a pergunta parece ser a seguinte, como a tem expressado o chamado “primeiro mundo”: como seria viver sem identidades coletivas e individuais?

A construção do Estado moderno, em perspectiva desde o século XV, com o expansionismo das descobertas, consolida-se na fronteira do século XVIII para o XIX. As nações e o nacionalismo hasteavam bandeiras de liberdade, igualdade e fraternidade. O mundo contemporâneo assiste à derrocada desses ideais que, já no nascedouro, foram questionados. A obra de Rousseau é um exemplo disso, no tecido de contradições que atravessa seus textos, se se comparam o **Émile e o Contrato social** as **Confissões** e aos **Devaneios**. Concepções de tempo e história

foram erigidas para instalar e dar conta da construção do Estado burguês.

Hoje ele se desdobra, num tentacular movimento de internacionalização, previsto no Manifesto de 1848, no qual se problematizava que “tudo o que é sólido desmancha no ar”. O discurso vigente como que reinstala as bases do liberalismo de mercado, tomado como um destino inexorável, e culpa as utopias. E o mais atacado vilão, o Iluminismo, é vergastado para o bem e para o mal. O “espírito da época” duvida dos projetos sociais mais generosos. A gravidade dos problemas que enfrentamos em nossa época alerta para duas questões importantes: por um lado, a literatura não é auto-referencial apenas, tem seu chão na terra dos homens, é um fenômeno histórico; por outro, se não se pode esquecer a conjuntura global produzida pela cultura do dinheiro, seria um equívoco querer transformar os fenômenos culturais em algo apenas explicável pela dependência à estrutura econômica, o que, como sugere Boaventura de Sousa Santos (1995, 136-147), tenderia a transformar os fenômenos políticos e os fenômenos culturais em epifenômenos sem vida nem dinâmica próprias, relegando-os a um reducionismo determinista. Mas isso também se complica pelo fato de que, cada vez mais, os fenômenos de extrema importância são simultaneamente econômicos, políticos e culturais.

Relembrando uma observação de Antonio Cândido (1987) em seu artigo “Literatura e subdesenvolvimento”, a literatura latino-americana do século XIX, especialmente pensando em termos de Brasil, por falta de uma tradição filosófica e de uma sociologia da cultura, teria produzido nesse campo reflexão extremamente importante. O raciocínio parece válido hoje também (feliz e infelizmente, pois se por um lado revela a vitalidade da literatura, por outro indica a permanência do mal-estar de nossas teorias econômicas, sociais e antropológicas). Pode-se ir além, supondo que, mesmo em países cuja tradição filosófica é farta, ainda nesses a literatura tem desempenhado magnificamente o papel de, ainda que não por missão, refletir (e fazer refletir) sobre o sentido do estar no mundo e as diferentes modalidades de identidades, coletivas e individuais.

Os romances aqui abordados têm em comum a possibilidade de despertar a consciência crítica no leitor. Ao se desenharem, ainda, no horizonte das utopias, eles pensam e repensam as utopias do precário: aquelas que vislumbram a leitura e a construção da História sob a lente alegórica da ruína, da falta, do elemento residual e lacunoso, que faz ruir a dinâmica hierárquica das dicotomias rígidas e da noção ufana de progresso. Fabiano e Macabéa são derrotados pela seca, mas,

como o cacto do poema de Manuel Bandeira, são belos, ásperos, intratáveis. A utopia do precário desenhada por Ramos e Lispector faz com que a estirpe dos fabianos, macabeus e severinos -- destituídos de lugar na sociedade que os exclui -- carregue em si mesma a força das hipóteses em que o presente, o passado e o futuro relampejam, incluindo o recalcado e o oprimido. Ao conceber o curso da História a contrapelo, essas narrativas deram voz ao latente, ao excluído e a tudo aquilo que poderia ter sido e não foi. Diz Edward Said, que “o exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar.” (SAID, 2003, 46). Condição de perda terminal, ainda segundo o autor, por que então pode o exílio ser transformado em um tema tão vigoroso, enriquecedor, inclusive, da cultura moderna?

Talvez porque o que está em errância, aquele que não tem lar ou a literatura que deles trata possam firmar e confirmar o apego a tudo aquilo que de fato importa. Errante entre as casas, os oceanos e as línguas, o exilado na vida, na literatura e na linguagem permite-nos entrever as antinomias e pensar sobre elas sem contorná-las, mas também sem nenhum maniqueísmo. “Porque *nada* é seguro.”<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Cf. o belíssimo texto de Edward Said, **Reflexões sobre o exílio** (2003, 50).

## REFERÊNCIAS

ARÊAS, Vilma, WALDMAN, Berta (Org.). **Remate de males 9**, Revista do Departamento de Teoria da Literatura, 1989.

ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector com a ponta dos dedos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ARENDDT, Hannah. **Rahel Varnhagem, a vida de uma judia alemã no Romantismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

\_\_\_\_\_. **The jew as pariah. Jewysh identity and politics in the modern age**. New York: Grove Press, 1978.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e desenvolvimento. In: \_\_\_\_\_. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987. p. 140-162

CIXOUS, Hélène. Foreword. In: \_\_\_\_\_. LISPECTOR, Clarice. **The stream of life**. Transl. by Elizabeth Lowe and Earl Fitz. Minneapolis: U. of Minnesota P., 1989. p. ix-xxxv.

\_\_\_\_\_. Extreme Fidelity. In: \_\_\_\_\_. **Writing differences: readings from the seminar of Hélène Cixous**. Ed. by Susan Sellers. New York: St. Martin Press, 1988.

COELHO, Eduardo Prado. A paixão depois de G.H. In: \_\_\_\_\_. **Remate de males 9**, Campinas. p.147-151, 1989.

COTLIB, Nádia Batella. **Clarice, uma vida que se conta**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. **Três vezes Clarice.** Rio de Janeiro: CIEC, 1988. (Papéis Avulsos, 7).

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Minimizar identidades. In: JOBIM, José Luís (Org.) **Literatura e identidades.** Rio de Janeiro: J.L.J.S.Fonseca, 1999. p.115-124.

HELENA, Lucia. **Nem musa, nem medusa:** itinerários da escrita em Clarice Lispector. 2ª. Ed. Revista e ampliada. Niterói, RJ: EdUFF, 2006.

\_\_\_\_\_. O equilíbrio instável dos fantasmas: espectros e identidades. In: JOBIM, José Luís (Org.) **Literatura e identidades.** Rio de Janeiro: J.L.J.S.Fonseca, 1999. p.125-144.

\_\_\_\_\_. De gênese e de gente: a luminosidade do escuro. In: LISPECTOR, Clarice. **A maçã no escuro.** 8. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992, p.1-4.

\_\_\_\_\_. A Literatura segundo Lispector. **Revista Tempo Brasileiro.** p.104, jan.-mar., 1991. p. 24-41.

\_\_\_\_\_. Clarice Lispector: a função desalienante de sua criação literária. In: \_\_\_\_\_. **Escrita e poder.** Rio de Janeiro e Brasília: Cátedra e INL, 1985. p. 91-99.

\_\_\_\_\_. A vocação para o abismo: errância e labilidade em Clarice Lispector. **Revista brasileira de literatura comparada,** no Rio de Janeiro. 5, 2000. p.179-189.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

\_\_\_\_\_. **Água viva.** Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

\_\_\_\_\_. **A imitação da rosa.** Rio de Janeiro, 1973.

LÖWY, Michel. **Redenção e utopia:** o judaísmo libertário na Europa central (um estudo de afinidade eletiva). Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PORTELLA, Eduardo. O grito do silêncio. In: LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro, José Olympio, 1977. p.9-12.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

\_\_\_\_\_. **São Bernardo**. Posfácio de João Luiz Antonio Lafetá. Rio de Janeiro: Record, 1977.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

SOUZA, Gilda de Mello e. O vertiginoso relance. In: \_\_\_\_\_. **O baile das quatro artes: exercícios de leitura**. São Paulo: Duas Cidades, 1980. p.79-91.

VARIN, Claire. **Clarice Lispector: rencontres brésiliennes**. Québec: Trois, 1987.

VASCONCELOS, Eliane (Org.). **Inventário do arquivo de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.

VIEIRA, Nelson H. The stations of the body, Clarice Lispector's abertura and renewal. **Studies in short fiction XXV, 1**, winter, p. 55-69, 1988.

WALDMAN, Berta. A retórica do silêncio em Clarice Lispector. In: \_\_\_\_\_. **Revista Tempo Brasileiro, n. 128**, jan.-mar., 1997.

\_\_\_\_\_. **Clarice Lispector: a paixão segundo C.L.** 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Escuta, 1992.

\_\_\_\_\_. O estrangeiro em Clarice Lispector. In: \_\_\_\_\_. **Entre passos e rastros**. Presença judaica na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Associação de Cultura Judaica, 2003. p.15-33.